

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

A criação do Universo, segundo o Deus Acaso

_ Esqueça toda aquela baboseira de “fez-se a luz”, separou luz de trevas, criou os mares, os rios, os seres vivos, descansou, criou Adão e Eva... quanta abobrinha inútil! Além disso, quem dá nome de Adão e Eva pra alguém? O fato, o verdadeiro fato, é que eu estava mofando de tédio. Nada para fazer, ninguém para encher o saco, o Caos, a Entropia e a Contingência me aporrinhando, “O que nós vamos fazer agora?”, “Não tem nada pra fazer?”, “Queremos fazer alguma coisa”. Os três me enchendo o saco! Uma encheção de saco do caralho pela eternidade! Resolvi, então, criar o Universo, juntamente com um planeta chamado “Terra”. Essa Terra, na verdade, criei como uma imensa brincadeira, uma grande “tiração de sarro”. Habitado por seres em que um come o outro, como alimento, eu digo, e também no sentido bíblico. Água, plantas, coelhos, texuguinhos, leões, tubarões, morsas, percevejos, uns comendo os outros, sendo devorados e devorando-se mutuamente. Como já frisei, pularei a desagradável ocorrência com os queridos dinossauros (gostava deles). Acontece, todavia, que esses seres vivos nesse planeta entraram em equilíbrio. As matanças, as caçadas dos bichos mais fortes devorando os mais fracos, não me excitavam mais. Novamente, quedei-me entediado. Ocorreu-me uma ideia genial. Modéstia à parte, digna de Deus. Por que não criar um ser vivo, diferente de um vegetal, não peixe, com capacidade de locomoção na terra, de porte médio, bípede como uma galinha e, veja a grande sacada do Criador, dotado de pequena, apenas pequena, “inteligência”, no entanto, superior à inteligência dos demais seres vivos? Ocioso lembrar que criei vários protótipos desse ser vivo que, posteriormente, foram abandonados por fatais erros de concepção. Faltavam-lhes agressividade, ambição e crueldade. Extingui-os. Vários anos depois, com achados arqueológicos, receberam os nomes, não me interessa o motivo, de homo habilis, rudolfensis, neandertal, o caralho, entre outros, até o sapiens. Você, Tucano.

_ Eu? Como?

_ Presta atenção. Deixa eu te explicar, ignóbil. Criei o Universo, insignificante mortal, há mais de treze bilhões de anos na escala de tempo utilizada pelos humanos. Seu planeta Terra tem quase cinco bilhões de anos. Uma soma de efeitos aleatórios, obra do Deus Acaso, criou o Universo, a Via Láctea, o Sistema Solar, a Terra, os seres vivos, inclusive os dinossauros, os queridos dinossauros, que se foram por obra do Caos (gostava dos dinossauros). Desde que criei o Universo, imagine, desprezível, a gigantesca soma de improbabilidades, com chances mínimas, infinitamente pequenas, de ocorrer para que estivesse aqui, diante de minha Divindade. Ciente agora de todos esses efeitos aleatórios superpostos desde a criação do Universo, já pensou na improbabilidade da sua existência, indigno mortal?

_ Sei lá eu, nunca pensei – respondeu, já sem paciência, o Tucano.

_ Contingência!!! – gritou Deus.

_ Fala aí, vossa Divindade – respondeu a voz da sala anexa.

_ Cadê a Trapizonga Casual?

_ Tá no meio dessa zona desse teu escritório.

_ Caraca! Quem ficou de arrumar isso aqui foi o Caos, porra! Onde será que ele colocou... esquece, achei a porra. Olha isso aqui, mortal, admire a “Trapizonga Casual”, um instrumento Divino do Randômico Deus Acaso.

_ Trapizonga Casual?

_ Sim, esse treco aqui – mostrou Deus.

Era uma espécie de dado de várias cores, do tamanho de uma bola de futebol, de um material estranho, entretanto, com sete lados dotados de caracteres ininteligíveis impressos em cada uma das faces do objeto.

_ Um dado? Um dado com sete lados? Qual a utilidade de um dado de sete lados?

_ Óh, indigno! Por que pergunta a utilidade de tudo? Por toda a sua vida e pela vida toda de todos os mortais vocês perguntam a si mesmos e entre vocês, qual a utilidade, pra que serve cada coisa criada por Deus? Perguntam e perguntam-se, até mesmo, qual o objetivo de sua existência, como se perguntassem qual a utilidade da Humanidade?

_ Táí uma dúvida pertinente: já que estamos aqui, qual então a razão da existência humana, qual a utilidade da humanidade? Essa estroenga mole pode responder? Diga aí, óh sabichão, é ruim, hein? – provocou o mortal.

_ Respondo, mísero, que a Trapizonga Casual não é uma estroenga mole como disse. Esse instrumento do Deus Acaso que se encontraria em minhas mãos se mãos tivesse, define a Inutilidade das Coisas. Penso num treco, consulto a Trapizonga Casual e, “fiu” – assoviou, baixinho Acaso – Quanto maior a Inutilidade da Coisa, definida pela Trapizonga Casual, mais engraçada e

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

divertida será sua criação. Pensei, trapizonga, inútil, criei, divertimento garantido. Eis a sequência da Criação!

_ Inutilidade das Coisas? – bradou Aristeu – Pensei que Deus se baseasse na utilidade das coisas, que criasse as coisas com um propósito, com um objetivo, um porquê. Inutilidade das coisas? Essa é nova!

_ Inutilidade, ignóbil ser, é a probabilidade de qualquer Criação Divina não servir pra porra nenhuma. É assim que funciona o acaso, através do Deus Acaso. Veja o seu planeta e os humanos que nele habitam. A Trapizonga Casual mostrou total inutilidade, em escala máxima. Criei-os e não me desapontei, diversão garantida, xô tédio! Os dinossauros, contudo, criei apesar de sua Inutilidade em escala mínima na Trapizonga Casual, afeiçoei-me a eles, e... o Caos, bem, não é digno Deus lamuriar-se. Respondendo educadamente à sua pergunta feita em tom jocoso, não há nenhuma razão para a existência humana. A humanidade não tem utilidade nenhuma. É inútil, zero serventia. Criei a humanidade, mísero, com o único propósito de aplacar meu divino tédio pela eternidade.

_ Não consigo entender. É uma deslavada mentira! Nossa vida, insisto, tem um propósito. Nascemos para uma missão, um propósito traçado e definido por um bondoso Deus que, definitivamente, não pode ser você, cruel e indiferente ao sofrimento humano.

_ Mi-mi-mi. Tô nem aí! Todo esse tempo que estou gastando com você, insignificante, apesar de tempo ter de sobra pela eternidade, foi pra te fazer entender, mísero mortal, que é apenas uma fagulha, uma poeirinha inútil ao vento, criada pelo Deus Acaso, jogada naquele planeta Terra que criei, um parque de diversões de emoções e sensações. Aproveite, humano, o tempo exíguo que concedi naquele parque de diversões. Aproveite as emoções, amor, ódio, paixão, tesão e as sensações, a suave brisa que afaga o corpo, o doce sabor dos lábios, da saliva, o perfume e a prazerosa sensação tátil ao tocar a pele dos outros humanos. Acima de tudo, divirta-se! Eu estou me divertindo pra cacete! Deixe-me prosseguir, mortal... onde estava? Ah, sim, você, o sapiens. Bem, além da pouca inteligência, dotei o homem moderno, sapiens, de crueldade, ambição, violência e suprema ironia Divina, esperança... Aplaquei o tédio de minha existência eterna. Diversão garantida. Esse vai fazer tudo o que for necessário para sobreviver, conquistar e submeter os mais fracos, os incapazes. Sim, foram milênios de diversão com matanças entre as tribos, seguidos de sequestros, estupros, sofrimento e escravidão. Divertia-me deveras com o “estado da natureza”. Quando a coisa ficava mais tranquila, mandava um terremoto, um maremoto, vulcões em erupção, um dilúvio, peste. Os mais fracos e incapazes, desesperados pelo sofrimento, pela certeza da finitude e pelas agruras causadas pelo clima hostil e pela violência dos outros humanos, movidos pela esperança que os dotei, criaram deuses bondosos e benevolentes “que os acolheria num radiante Paraíso após a passagem por esse vale de lágrimas e sofrimento”. Criou-se a Fé! O desespero e a esperança criaram a Fé. Houve, simultaneamente, repentina mudança no comportamento humano... quem diria?! Aflorou um outro lado da Humanidade. Notaram que, cooperando entre si, através da criação de regras claras, inteligíveis (que principalmente não afrontassem demasiadamente seus costumes) as quais, todos obedecendo e seguindo, poderiam criar uma região pacífica com segurança e prosperidade. Estava fora do script, admito! Não intervim, contudo. “Vamos ver onde vai dar”, pensei. Misteriosamente, essa cooperação fez brotar um interessante sistema de trocas de materiais e produtos entre os indivíduos dessas tribos e também entre as tribos. Um sistema, veja, ilustre mortal, baseado na “confiança”. O acaso do Acaso? Não, apenas algumas estrepolias do meu dileto profeta Caos. Não agraciei os humanos com essa propriedade chamada “confiança”. Foi obra do “acaso”, não do “Acaso”, rá-rá-rá, entendeu a piada, insignificante? Rá-rá-rá, essa foi boa, do “acaso”, não do “Acaso”. Rá-rá-rá. À medida que essa confiança ganhava corpo entre os humanos mais próximos, ela foi se expandindo para outros locais e outros humanos. Conseguiram, penosamente, aplacar, mitigar seus mais primitivos instintos, a essência humana, de crueldade, violência, ódio, rancor. Civilizar-se, enfim. Esse sistema de trocas de produtos embutia um evidente ganho. Ganho material e de bem-estar para todos os envolvidos. Importante observar ainda, meu caro mortal, que esse sistema primitivo de trocas de produtos excedentes entre pessoas e tribos, depois entre tribos e outras tribos e, muito depois, entre nações, baseado na confiança entre humanos, brotou da terra como de um Desígnio Oculto de Deus.

_ Pera aí... você descreveu o capitalismo. Foi o capitalismo a fonte inspiradora da civilização? E a religião? – perguntou Tucano, interrompendo a fala Divina.

_ Lembro ao ilustre e irrelevante mortal que os humanos de diferentes tribos, regiões e, posteriormente, nações, desfrutavam das benesses dessas trocas comerciais, embora seguissem costumes e religiões diferentes entre si. As trocas dos produtos, em última análise, o comércio, foi sim o grande fator civilizatório. Um queria comprar, o outro queria vender... tinham que se entender! Ao passo que o comércio tentava unir, civilizar os humanos em torno de interesses comuns, os religiosos, os pregadores, aqueles que falavam em nome de um inexistente Deus bondoso, misericordioso, dividiam o mundo com suas Cruzadas, suas evangelizações de populações indígenas, sua Inquisição e, atualmente, com suas Guerras Santas e os

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

“mártires de Deus”. Interesses comuns entre humanos salvam. Deus não salva ninguém, eu sei disso.

Ao fundo Aristeu ouviu mais um grito desesperado de outro ex-existente despencando do alto, sendo tragado pelo Grande Buraco de Nihil. “Gostei desse nome”, pensou o mortal.

_ Os religiosos trazem a palavra, os ensinamentos de Deus, nisso eu tenho Fé – retrucou Aristeu.

_ Porra Aristeu, santa ingenuidade! – zombou Acaso – Qual Deus levou a palavra a eles? Sou o Único e nunca falei nada pra nenhum deles nem nunca dei procuração para que os pentelhos falassem em meu nome. É muita cara de pau. Que Deus foi esse, diga aí?! Deus desceu do céu, encontrou Moisés, entregou as tábuas da lei, ou então chamou outro qualquer e falou “façam isso”, “façam aquilo”, “senão inferno”. Foi desse jeito? Tem um aí que, dizem, não nasceu do pecado. Que pecado? Desde quando trepar é pecado? Contam que a mãe recebeu um anjo, um tal de Gabriel. Gabriel, imagina? Devia ser o vizinho. O vizinho Gabriel, rá-rá-rá. Um tempo depois apareceu grávida, e foi obra do Divino Espírito Santo? Me ponham fora dessa! E o outro, o outro é hilário: inventaram, e os caras, os patetas, acreditam, que morrendo como um mártir, em nome dele, explodindo-se, eviscerando-se com uma bomba e levando outros incautos, que não têm nada com a insanidade dos bastardos, irão para o Paraíso, rá-rá-rá – Acaso “rachava o bico” – E vão encontrar, rá-rá-rá (eu morreria de rir não fosse imortal), vão encontrar “trocentas” virgens esperando os caras? Imagina, rá-rá-rá, os trouxas chegando ao “Paraíso” e as “trocentas” virgens de TPM, todas ao mesmo tempo, enchendo o saco dos caras? O cara chegando em casa, eviscerado, com as tripas de fora, extenuado depois de mais um árduo dia de trabalho e as mocreias querendo uma DR, querendo discutir a relação, todas ao mesmo tempo? “Mamãe vem passar uns séculos conosco”, rá-rá-rá todas as trocentas sogras ao mesmo tempo, rá-rá-rá. Isso é “Paraíso”? – esbaldou-se de tanto rir, Acaso – Sabe que é uma boa ideia? Talvez eu faça isso um dia, quem sabe. Só não sei se vou conseguir encontrar as virgens, as sogras eu consigo, mas as virgens... não sei – ponderou, sério – Bom, isso é outro problema. Fodê-los-ia e, sobretudo, se tubo digestivo tivesse, cagar-me-ia de rir! Um Deus, como sabe, não possui sistema gastrointestinal, tampouco o restante dos órgãos e sistemas de um comum mortal. Seria muito pouco pra esses estúpidos, esses “Homens de Fé”. Canalhas! Dá pra acreditar num falsete desses? Perguntou ao acaso, a Aristeu, Acaso. “Questão de Fé”, “questão de Fé”, dizem os religiosos, “Homens de Deus”. “Acreditem, dar-se-ão bem”, pregam os canalhas aos trouxas. Pois, questão de Fé meu... se tivesse um, divino rabricó, respondo.

Nesse instante, outro grito horripilante, de pavor, cortando o ar. Aristeu observou, embasbacado, um corpo, ensanguentado, eviscerado, literalmente com as tripas de fora, caindo como os outros corpos, entretanto, lentamente, muito, muito lentamente, tão lento que pôde observar o olhar de dor, sofrimento e estupefação do “extingente” – aquele átimo entre estar vivo e estar extinto –, prolongando aquele momento de sofrimento e agonia do pobre vivente, na iminência de tornar-se um ex-vivente.

_ O que é isso? – questionou Aristeu, assustado.

_ Rá-rá-rá – riu-se Acaso – Mais um – bradou.

_ Sim, rá-rá-rá-rá – respondeu, rindo-se, Contingência, a voz que vinha da sala anexa.

_ Esses, indigno mortal, são os “mártires” que se explodem em nome de um Deus que, se existisse, jamais pediria a esses estúpidos algo absurdamente tresloucado, como tirar a própria vida e a vida de outros, em nome Dele, que, inadvertidamente, encontravam-se próximos do filho de uma meretriz, com o perdão do eufemismo, quando se explodiram. Deus não precisa ser eufêmico, lembro. Faço isso, deixo-os cair lentamente, muito lentamente, para que, “extingentes”, sintam a agonia, o desespero, a dor física e todo o horror que causaram ao se explodirem matando outros humanos, simples passantes, próximos ao local da infâmia. Faço-os sofrer, pois, nesse átimo, enquanto “extingentes”, entendem a dor da ausência de um Deus que não virá salvá-los, nem os redimir dos pecados. Tudo é a queda, a escuridão, o nada na ausência de esperança e da existência que se foi inutilmente. Admita, reles: é hilário. Fodi-os, fodo-os e fodê-los-ei pela eternidade, bastardos infames! Voltando novamente à Fé (pensando bem, não havíamos abandonado o assunto “Fé”, já que esses ignóbeis trucidam e trucidam-se em nome de um inexistente Deus)... apenas Fé, insensata Fé. Pensa um pouco, Aristeu. Fui maldoso, admito. Não houve equidade na distribuição de inteligência, nem de outras habilidades, qualidades e defeitos entre os humanos. Uns humanos são mais altos, outros mais baixos, uns têm mais força física, outros menos, as cores dos cabelos, olhos, peles são diversas, uns têm estrovengas maiores ou menores que as dos outros, mulheres têm tamanhos dos seios diferentes, o gracioso xibiu feminino é polimórfico (jamais encontrará duas buças idênticas, isso Deus garante) e, finalmente, a inteligência. Existem humanos mais inteligentes que outros, existem humanos mais burros que os outros. Acredite. Eu fiz assim. Esse é um desígnio do Criador. Você, definitivamente, está entre os agraciados com um pouquinho a mais de burrice. Teve Fé,

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

entretanto, foi enganado a vida inteira, óh, estúpido mortal.

_ Engano seu, óh, divina excrescência! – riu-se novamente Aristeu.

Era a segunda vez que utilizava de ironia e, agora, com sarcasmo, contra a Divindade.

_ Rá-rá-rá – riu-se a valer Acaso.

_ Não se quedou puto da vida com esse pobre mortal zombando de ti? – interpelou, rindo-se descontraído, o Tucano.

_ Sempre esperei essa atitude de minha criação, entretanto, você, seu bostinha, foi zombado, vilipendiado e espezinhado por toda a sua vida. Sempre se submeteu, sempre enfiou o rabinho entre as pernas. A pergunta do Criador à Criatura: por quê? Por que, Aristeu?

_ É uma inverdade. Sempre procurei dirimir as desavenças valorando o diálogo entre as partes conflitantes em face das vicissitudes e das adversidades que a vida reservava – respondeu Aristeu firmemente, com cara de coach de um desses inúteis cursos de “gestão de pessoas”.

_ Pra cima de “moi”, Tucano? Pra cima do Criador? – debochou Deus – Rá-rá-rá, falando “corporativês” fluentemente o bonitão! Falou, falou, estrebuchou, caras, bocas, trejeitos e sacolejar de bunda e não disse porra nenhuma! Esse corporativês, filho do politicamente correto que, por sua vez, é filho do “progressismo” que, por sua vez, é um filho bastardo do Iluminismo (caraca, devia ter extinguido a humanidade na época do Iluminismo, ou pelo menos alguns iluministas, não todos, é verdade), mas, o corporativês é uma linguagem dos frouxos, cheia de medidas, sem conteúdo nem significado. Faltou apenas falar em quebra de paradigma e foco no freguês, ou melhor, no cliente, um termo mais bacaninha. Trocando em miúdos, Tucano, “tu tava com um puta cagaço de levar umas porradas” dos mais fortes, fugia de todas as adversidades, de todas as dificuldades, de todos os desafios. Corria de “tudo o que era briga” ou mesmo de pequenas rugas. A vida inteira com medo, paúra, cagaço. “Ui, minha mulher vai me bater”, “Ai, será que vou apanhar na escola”, “Ui, Deus vai me castigar”, “Ai, o galo olhou feio pra mim”, “Ui, vai crescer pelo na palma da minha mão”.

_ Pelo na palma da mão... meu primo me assustou – defendeu-se Aristeu, cortando abrupto a fala de Acaso.

_ Teu primo, né? Geraldo, vulgo MM, Meio Metro. Um cara legal – afirmou a divindade – Nasceu com nanismo, entretanto, abençoado pela Divina Providência, no caso pelo Deus Acaso, com uma estrovença de respeito, daí a alcunha Meio Metro. Tornou-se respeitado pela coragem e atitude. Nunca ficou choramingando pelos cantos, “mi-mi-mi sou anão”, “mi-mi-mi não alcanço a lata dos biscoitos”, “mi-mi-mi sou discriminado”. Foi à luta, tornou-se treinador da equipe juvenil de basquete do CEUCU, imagina, hábil estrategista, respeitado por todo o time, conseguia em “primeira mão”, peço vênia pela ironia, os fabulosos catecismos do Zéfiro. Essa é a atitude! O acaso, através de seu Deus Acaso, esse vosso interlocutor, forneceu as ferramentas. MM usou-as, usa-as, usa-las-á. Enquanto o priminho, Aristeu, o coitadinho... medo, medo, medo. Na escola, era o trouxa da turma, deixava todo mundo abusar de você. No catecismo, o infame Padre Adamastor abusou de você o quanto pôde, e você nunca se rebelou. Atitude, mortal! Atitude. O “Tribunal dos Diáconos”, o que é isso, porra? Isso não existe, cacete! Te fizeram assinar uma infame confissão, te culpando de “se deixar abusar”... pelo abusador!? Caraca, tu é muito frouxo! Se tiver atitude de cagão, por todo o sempre tratar-te-ão como um cagão. Acorda mané! A mocreia, aquela vaca daquela Ludmila, no Carnaval no CEUCU, uma baranga, vestida para matar (lembro de tudo), te confundiu com a tua irmã Aristênia, te catou, te comeu, no sentido bíblico, como se você fosse uma galinha de padaria, sim aquelas “vira-vira” – esclareceu – Você chegou a perder seu aparelho dentário dentro da genitália da obesa mórbida quando ela esfregou a tua cara naquele gordo e peludo xibiu, e... e, na fatídica noite, engravidou – Acaso exaltou-se – Se não bastasse, após a “grandona” te comer e engravidar, te inculpou pela “perda da inocência” e da virgindade... nem na orelha te garanto, sou Deus, certo? Teu sogro, Zelão, e seis gentis cavalheiros te prensaram e te obrigaram a casar com a vagaba e você, sem lutar, arregou, amarelou, e... casou. Porra! Pelo Deus Acaso, que sou eu. Você casou. Nunca mais trepou com a patroa. Nunca mais, nem “umazinha”, o que no teu caso é sorte devido ao, digamos assim, temos que admitir, que tua esposa é um bucho, convenhamos. Assim, se tornou fiel discípulo de Onan. Veja teu braço esquerdo com a musculatura muito mais desenvolvida que a do membro contra-lateral. Um onanista convicto! Onan. Onan tinha seus motivos, queria ficar com a grana do pai Judá. Se tivesse um filho com a cunhada, pela lei – o irmão mais velho, Er, tinha sido aniquilado por Deus, deslavada fake news do Velho Testamento, não aniquilei aquele cretino –, a grana toda do pai iria ficar com o filho que tivesse com a cunhada e Onan ficaria “na mão”, literalmente, rá-rá-rá, ficaria na mão, entendeu a piada, mortal? Rá-rá-rá, esborrachava-se de rir o Divino – Pegava a cunhada e, quando estava “pronto”, tirava a estrovença de dentro, “socava uma” e finalizava no terreno. Falta clara, pra cartão, seu juiz, rá-rá-rá. O mais engraçado, racharia o bico de tanto rir se bico tivesse, é que os “próceres da Santa Igreja Católica” usam essa passagem, do Velho Testamento (eu adoro o Velho Testamento) para proibir, veja bem, eu disse “proibir”,

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

que os pobres mortais “soquem uma”, tenham, digamos, um prazer solitário. “O sêmen quando não procriativo não pode ser derramado”, ordenam com desfaçatez os clérigos, vários deles acometidos do “Mal dos Clérigos”, aos pobres fiéis. Uns canalhas! Digo-lhe, mortal, como Deus que sou, que esse prazer solitário, tanto para homens quanto para mulheres, quando realizado parcimoniosamente, é um relaxante desígnio do Criador, uma dádiva Divina. Contrariamente ao que professam os Homens de Fé, masturbem-se, humanos, solitariamente ou uns aos outros. Assim falou Zaratustra. Rá-rá-rá, brincadeira – zombou Acaso – Perco o amigo mas não perco a piada. Assim falou o Deus Acaso – remendou.

_ Pare! – gritou Aristeu – Estou estupefato, farto, enjoado e enjoado com esse monte de vitupérios vomitados por um, suposto, Deus, que deveria ser bom, magnânimo, entretanto, é cruel, sarcástico, sem empatia e indiferente ao sofrimento daqueles que criou. Basta, é uma ignomínia, não acredito numa só palavra sua. Deus, o verdadeiro Deus, aquele em que acredito, que abençoa e protege sua Criação, definitivamente não é você. Até mesmo os Progredianos, no planeta Progredior, com seu Deus Misericórdia, creem que você é o Deus dos humanos, contudo, não tenho Fé em você. Digo, em verdade, que é o Demônio das Sagradas Escrituras, tentando-me, atraindo-me para ser mais um fanático seguidor do Anti-Cristo – esbravejou veementemente, agora sem medo, Aristeu.

_ Uhuuu, audácia do bofe! – falou, zombeteiro, o Divino – Falou, óh, insignificante verme mortal, do Anti-Cristo, do Demônio, do misericordioso Deus Misericórdia do, rá-rá-rá, que piada, do planeta Progredior e dos, rá-rá-rá, rachando o bico se tivesse um, progredianos? – estrebuchava Acaso de tanto rir – Foi a piada mais engraçada dos últimos três milhões de anos. Nem quando Noé, surdo de tanta cera acumulada nos ouvidos (banho e higiene pessoal não eram com ele) entendeu “arca” quando foi dito “barca”. Bem, no fim deu na mesma, ele não sabia a diferença entre uma e outra, então, foda-se, rá-rá-rá, ri tanto, como ri. Rá-rá-rá. Porra, deveria ter feito você existir no planeta Progredior ou então ter te deixado por lá – berrou Acaso, divertindo-se.

ZeroBerto Eco

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

Comece a ler agora mesmo!

COMPRAR

Instagram

Twitter

Blog